

ANÁLISE DOS DISCURSOS MÉDICOS NA IMPRENSA SOBRE OS SURTOS DE CHIKUNGUNYA BRASIL

Renato da Silva (UNIGRANRIO)
redslv333@gmail.com

RESUMO

O primeiro caso de chikungunya foi registrado em 1950, na Tanzânia. No ano de 2014 foram registrados 824 casos de chikungunya no Brasil. Surtos da chikungunya na região sudeste ocorrem a partir de 2015. Torna-se epidemia no nordeste brasileiro em meados de 2016. Com 60.000 casos confirmados de chikungunya no Ceará que teve até então o maior índice do país. A chikungunya em sua fase mais aguda compromete as articulações promovendo fortes dores e sequelas que podem durar até seis meses. Há suspeitas que vírus da chikungunya pode levar o indivíduo a desenvolver uma outra patologia conhecida como síndrome de Guillain Barré, doença autoimune. Corpos inaptos por um período maior, podendo a ser tornarem incapazes definitivamente. O conhecimento sobre a doença passou ser estruturado pelos meios de comunicação. O objetivo do trabalho é analisar os discursos médicos produzidos sobre surtos de chikungunya divulgados na imprensa. Neste sentido, é fundamental avaliar os acordos e desacordos dessa tradução.

Palavras chaves:

Brasil. Chikungunya. Imprensa. Surtos. discursos médicos.

1. Introdução

A proposta para essa etapa de minha produção acadêmica é aprofundar as questões, que foram levantadas no meu projeto de pesquisa *Mosquitos, Cidades e Educação: o legado da Campanha Nacional de Erradicação da Malária (1958-1965) para o combate as epidemias de Dengue, Zika e Chikungunya* (Jovem Cientista do Nosso Estado – Faperj), que estabelece a relação da campanha mundial de erradicação da malária com o combate as epidemias de dengue, zika e chikungunya na esfera global.

O campo de análise do projeto atual passa a ser o contexto nacional e as campanhas de controle e prevenção de epidemias. Neste sentido, a compreensão histórica de surtos de chikungunya que aflige o país a partir 2015 é fundamental para a formulação de políticas de saúde mais eficazes.

O objetivo do trabalho é analisar os discursos médicos produzidos sobre os surtos de chikungunya divulgados na imprensa. Desse modo, é fundamental avaliar os acordos e desacordos dessa tradução.

2. *História da chikungunya no mundo e no Brasil*

O primeiro caso de chikungunya foi registrado em 1950, na Tanzânia. A primeira epidemia reconhecida oficialmente ocorreu na África entre os anos de 1952 e 1953. A chikungunya é conhecida na região como a doença “daqueles que se dobram”, uma alusão à aparência curvada dos pacientes, que não conseguiam erguer seus corpos em virtude das dores articulares características (POWERS; LOGUE, 2007).

A partir da epidemia na África no início da década de 1950, a notificação da chikungunya passou a ser mais frequente em outras regiões do mundo. Indonésia, Taiwan, Singapura, Malásia, Sri Lanka, ilhas Maldivas, Quênia (em 2004), Camarões (em 2005), Mayotte, Seychelles, Maurícia, Reunião (2005-2006) e Índia (2006), e, em menor intensidade, na Itália, Martinica, Guadalupe, Guiana Francesa, Estados Unidos e Brasil (em 2010).

No ano de 2014, o Ministério da Saúde confirmou os primeiros casos de transmissão do vírus no território nacional. As vítimas eram um pai e uma filha, que viviam na cidade de Oiapoque, no Amapá. As primeiras vítimas do vírus da chikungunya não viajaram para fora do país. Neste sentido, a contaminação ocorreu no território nacional.

No entanto, três meses antes da descoberta da primeira contaminação interna do vírus da chikungunya no Brasil, no dia 9 de junho de 2014, a Secretaria de Estado de Saúde de São Paulo identificou seis casos importados de infecção pelo chikungunya em soldados do exército brasileiro que retornaram do Haiti no dia 5 do mesmo mês.

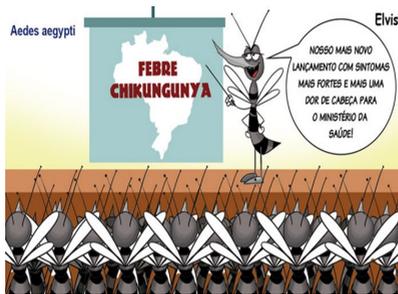
3. *O discurso bélico sobre a chikungunya na imprensa: a guerra entre homens e mosquitos*



Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

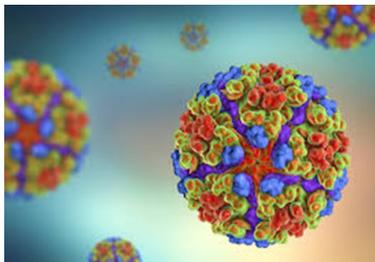
“Estamos perdendo a guerra contra o Aedes”, diz ministro da Saúde no Piauí – Marcelo Castro diz que sociedade precisa se mobilizar contra o mosquito. (Jornal O Globo, 22/01/2016)

[...] Há cerca de 30 anos o mosquito vem transmitindo doenças para nossa população e desde então nós o combatemos, mas estamos perdendo a guerra contra *Aedes aegypti*. Vivemos uma verdadeira epidemia. Precisamos da sociedade brasileira mobilizada na prevenção a essas doenças”, afirmou o ministro. (Jornal O Globo, 22/01/2016)



[...] Governo anuncia ação de 220 mil militares para combater *Aedes aegypti* - Militares deverão fazer entrega de panfletos e visitas a casas e escolas. Mosquito é transmissor do vírus da chikungunya, relacionado aos surtos em diversas regiões do país. [...] (Jornal O Globo, 27/01/2016)

O governo do Rio de Janeiro confirmou nesta segunda-feira (29) que o estado já registrou duas mortes por febre chikungunya em 2019. [...] De acordo com a SES-RJ, diversas medidas estão sendo adotadas para combater focos do mosquito *Aedes aegypti*, vetor do vírus que causa a febre chikungunya. Entre elas estão ações com drones para identificar os criadouros [...] (Diário de Pernambuco, 29/04/2019)



Os discursos médicos produzidos na imprensa sobre a chikungunya sinalizam o estado de guerra que se encontra a população. Os mosquitos são os “inimigos” dos homens. A sociedade brasileira corre perigo “mortal cada” ano no período do verão. Dessa forma, os jornais informam a população sobre ameaça da chikungunya. A ênfase num discurso bélico, tem como o objetivo de convocar os cidadãos para a batalha, no entanto, pouco se discuti sobre a importância da educação no enfrentamento da epidemia.

Neste contexto bélico, o caráter interdependente da doença é a princípio colocada em segundo plano. Uma discussão mais profunda sobre ações coletivas produziria respostas mais efetivas no tratamento da chikungunya. Isto é, a chikungunya é uma doença que exige comunicabilidade entre os indivíduos e sociedades.

No Brasil, os mosquitos perderam para homens em grande parte do território nacional, mas continua endêmica na região amazônica, registrando momentos elevados de casos de malária por exemplo. O ano de 2000 registrou mais de 600 mil infectados levando a 245 óbitos. Segundo o Ministério da Saúde em 2011, 99,7% dos casos de transmissão de malária estão concentrados nos estados do Pará, Amazonas, Rondônia, Acre, Amapá e Roraima. As guerras entre os homens e os mosquitos não terminaram, as transformações biológicas são quase proporcionais aos progressos científicos. As guerras entre os homens e os mosquitos, são na verdade a guerra entre o homem e a natureza, onde predomina a ausência de um programa educacional durante todo ano. As doenças negligenciadas que se transformam em epidemias de dengue, zika e chikungunya que durante quase quatro meses ocupa as primeiras páginas dos jornais, é silenciada na imprensa no restante do ano.

4. Considerações finais

As guerras entre os homens e os mosquitos não terminaram, as transformações biológicas são quase proporcionais aos progressos científicos. As guerras entre os homens e os mosquitos, são na verdade a guerra entre o homem e a natureza.

A chikungunya no Brasil foi tratada inicialmente na imprensa com discursos bem próximos de outras doenças e epidemias negligenciadas como principal exemplo a dengue.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Primeiro o discurso da imprensa esteve amparado pela escassez das fontes científicas sobre o vírus, que foi amenizado ainda mais por conta de interesses políticos e econômicos do contexto pré olimpíadas.

Em seguida discurso bélico e alarmante sobre a chikungunya produzido pela imprensa parece enfraquecer o caráter educacional que a epidemia exige para ser tratada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENCHIMOL, Jaime Larry. O combate ao *Anopheles gambiae*. In: _____. (Coord.). *Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001. p. 168-73.

BRAGA, Ima Aparecida; VALLE, Denise. *Aedes aegypti*: histórico do controle no Brasil. In: *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 16, n. 2, p. 113-8, 2007.

CUETO, Marcos. *Cold War, deadly fevers: malaria eradication in México, 1955-1975*. Washington, DC: Woodrow Wilson Center Press; Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2007.

_____. Los ciclos de la erradicación: la Fundación Rockefeller y la salud latinoamericana, 1918-1940. In: CUETO, M. *Salud, cultura y sociedad en América Latina: nuevas perspectivas históricas*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos/Organización Panamericana de la Salud, 1996. p. 198

DINIZ, Debora. *Zika: do Sertão nordestino à ameaça global*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DONALISIOI, Maria Rita; FREITAS, André Ricardo Ribas. Chikungunya no Brasil: um desafio emergente. In: *II REV BRAS EPIDEMIOL*, JAN-MAR 2015; 18(1): 283-5

FERRAZ, Luiz Marcelo Robalinho; GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. A construção discursiva sobre a dengue na mídia. In: *Rev. bras. epidemiol*, v. 15, n. 1, p. 63-74, Mar. São Paulo, 2012.

HOCHMAN, Gilberto. From autonomy to partial alignment: national malaria programs in the time of global eradication, Brazil, 1941-61. In: *CBMH/BCHM*, v. 25, n. 1, 2008. p. 169

HOCHMAN, Gilberto; MELLO, Maria Tereza Bandeira de; SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. A malária em foto: imagens de cam

panhas e ações no Brasil da primeira metade do século XX. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 9, p. 249, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. (Suplemento)

MCNEIL, Donald. *Zika: a epidemia emergente*. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

PACKARD, Randall M. Malaria dreams: postwar visions of world. In: *Medical Anthropology*, v. 17, p. 279-96, 1997.

PAULINI, Ernest. Considerações sobre o emprego de inseticidas em campanhas contra a malária. In: *Revista Brasileira de Malariologia e Doenças Tropicais*, Rio de Janeiro: Divisão de Cooperação e Divulgação – DNERu/ Ministério da Saúde, v. 14, n. 1/2, p. 116, 1962.

POWERS A. M., LOGUE C. H. Changing patterns of chikungunya virus: re-emergence of a zoonotic arbovirus. In: *Journal of General Virology*, 2007; 88(9), 2363-2377.

SILVA, Renato da. *A guerra entre os homens e os mosquitos*, volume 1: a história das ações de combate e controle da malária no Brasil. 1. ed. – Rio de Janeiro: Autografia, 2019. 266 p.

SILVA, Renato da; PAIVA, Carlos Henrique Assunção. The Juscelino Kubitschek government and the Brazilian Malaria Control and Eradication Working Group: collaboration and conflicts in Brazilian and international health agenda, 1958-1961. In: *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* (Impresso), v. 22, p. 95-114, 2015.

_____; HOCHMAN, Gilberto. Um método chamado Pinotti: sal medicamentoso, malária e saúde internacional (1952-1960). In: *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* (Impresso), v. 18, n. 2, p. 519-43, 2011.

SOPER, Fred. L. *Anopheles gambiae* in Brazil. In: ____ (Ed.). *Ventures in world health – the memoirs of Fred Lowe Soper*. Washington, DC: Pan-American Health Organization, v. 355, p. 201 et seq., 1977.